X Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e IX Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares - CLAEHM
Dezembro de 2024, Online | claec.org/ehm
Artigos Completos

Protagonismo Feminino em Jaguarão: A interseção entre Mulheres, Artesanato e Turismo na Casa da Economia Solidária - Jaguarão/RS[1]

Protagonismo Femenino en Jaguarão: La Intersección entre Mujeres, Artesanía y Turismo en la Casa de la Economía Solidaria - Jaguarão/RS

Female Protagonism in Jaguarão: The Intersection of Women, Crafts, and Tourism at the Solidarity Economy House - Jaguarão/RS

Kênya Jessyca Martins de Paiva[2]

Alessandra Buriol Farinha[3]

Resumo

O foco desta pesquisa são as histórias de vida de artesãs associadas à Casa da Economia Solidária, residentes em Jaguarão, Rio Grande do Sul, cidade brasileira fronteiriça com Rio Branco, no Uruguai. O principal objetivo é compreender como se dá a autonomia dessas artesãs no mundo do trabalho em Jaguarão, além de identificar suas estratégias de empoderamento e visibilidade. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, utilizando como procedimento metodológico a História Oral (ALBERTI, 2005). A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas e diário de campo. Para embasar teoricamente a análise, recorreu-se a autores que tratam da História das Mulheres (PERROT, 1988; SOIHET, 2007), Economia Solidária (SINGER, 2002), e Medeiros *et. al* (2017)**.** Como resultado, percebe-se o impacto positivo do artesanato como atividade laboral na vida das artesãs, que relataram maior autonomia e qualidade de vida desde que passaram a integrar a Casa da Economia Solidária. Além disso, observou-se no decorrer da pesquisa a relevância do turismo para a economia solidária, para fomentar o artesanato e o incremento de renda no município.
Palavras-Chave: Mulheres artesãs; trabalho; Economia Solidária; Jaguarão/RS.

Resumen

El foco de esta investigación son las historias de vida de artesanos asociados a la Casa da Economía Solidária, residentes en Jaguarão, Rio Grande do Sul, ciudad brasileña fronteriza con Rio Branco, en Uruguay. El principal objetivo es comprender cómo estos artesanos ganan autonomía en el mundo del trabajo en Jaguarão, además de identificar sus estrategias de visibilidad y empoderamiento. La investigación adopta un enfoque cualitativo, utilizando como procedimiento metodológico la Historia Oral (ALBERTI, 2005). La recolección de datos se realizó a través de entrevistas y un diario de campo. Para sustentar teóricamente el análisis, autores que abordan la Historia de la Mujer (PERROT, 1988; SOIHET, 2007), la Economía Solidaria (SINGER, 2002) y Medeiros et. otros (2017). Como resultado, podemos ver el impacto positivo de la artesanía como actividad laboral en la vida de los artesanos, quienes reportaron mayor autonomía y calidad de vida desde su ingreso a la Casa de Economía Solidaria. Además, durante la investigación se observó la relevancia del turismo para la economía solidaria, para promover la artesanía y aumentar los ingresos del municipio.
Palabras-clave: Mujeres artesanas; trabajo; Economía Solidaria; Jaguarão/RS.

---

[1] Artigo apresentado no X Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e IX Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares, na modalidade online, 2024.

[2] Mestra em Educação; Discente de Gestão em Turismo pela Universidade Federal do Pampa; Jaguarão, Rio Grande do Sul, Brasil; kenyapaiva.aluno@unipampa.edu.br.

[3] Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural; Universidade Federal do Pampa; Jaguarão, Rio Grande do Sul, Brasil; alessandrafarinha@unipampa.edu.br.

Abstract

The focus of this research is the life stories of artisans associated with the Casa da Economia Solidária, who live in Jaguarão, Rio Grande do Sul, a Brazilian city bordering Rio Branco, Uruguay. The main objective is to understand how these artisans gain autonomy in the world of work in Jaguarão, in addition to identifying their strategies for visibility and empowerment. The research adopts a qualitative approach, using Oral History as a methodological procedure (ALBERTI, 2005). Data collection was carried out through interviews and a field diary. To theoretically support the analysis, we used authors who deal with the History of Women (PERROT, 1988; SOIHET, 2007), Solidarity Economy (SINGER, 2002), and Medeiros et. al (2017). As a result, we can see the positive impact of crafts as a work activity on the lives of the artisans, who reported greater autonomy and quality of life since they became part of the Casa da Economia Solidária. Furthermore, during the research, the relevance of tourism for the solidarity economy was observed, to promote crafts and increase income in the municipality.
Keywords: Female artisans; work; Solidarity Economy; Jaguarão/RS.

1. Introdução

Com o objetivo de identificar o protagonismo e a solidariedade na geração de renda, associando o trabalho artesanal à sua potencialidade no campo turístico, esta pesquisa analisa, por meio de entrevistas, histórias de vida de artesãs vinculadas à Casa da Economia Solidária de Jaguarão/RS. Sair de casa, estudar, construir formas de sustento e receber por seu trabalho são atividades que, historicamente, sempre fizeram parte da rotina masculina. No entanto, a história das mulheres revela uma trajetória diferente. A sociedade foi marcada por uma dicotomia entre as esferas pública e privada. Aos homens era atribuída a esfera pública, com o papel de provedores da família, enquanto às mulheres cabia a esfera privada, dedicada ao cuidado doméstico e reprodutivo, tarefas realizadas de forma gratuita e consideradas sua função social exclusiva (SAFFIOTI, 2004). Esse sistema começou a se fragilizar diante das transformações socioeconômicas e dos movimentos feministas do século XX.

Assim, historicamente, o papel socialmente aceito e reivindicado para as mulheres no mundo patriarcal esteve voltado, fundamentalmente, para os cuidados com a casa e a família. No entanto, em determinados momentos, tornou-se necessária sua inserção no trabalho fora do lar, “à medida em que as transformações sociais e os acontecimentos políticos, como a Primeira Guerra Mundial, forçaram a entrada cada vez maior das mulheres no mundo público” (RAGO, 1995-1996, p. 22). A Primeira Guerra Mundial, aliada ao processo de industrialização, gerou profundas mudanças socioeconômicas, ampliando a demanda por mão de obra. Isso levou a uma maior presença feminina no mercado de trabalho assalariado, acumulando-se aos trabalhos não remunerados realizados no ambiente doméstico.

Os movimentos feministas, ao longo dos séculos, têm liderado intensas lutas por transformações no que se entende como o papel social das mulheres. Esses movimentos

ganharam destaque ao promover mudanças culturais e, no âmbito legislativo, assegurar direitos políticos, trabalhistas, maternos, estudantis, entre outros. As mulheres têm construído formas de resistência em busca de trabalho digno e saudável. No entanto, ainda enfrentam desafios, como a persistente desigualdade socioeconômica, que se reflete nas oportunidades, nas condições de vida e, especialmente, nas disparidades salariais. Nesse contexto, a economia solidária tem se mostrado uma alternativa significativa para mulheres se reinventarem no mundo do trabalho.

A economia solidária trabalha sob os princípios do cooperativismo e da autogestão. A nível internacional, é fruto de lutas históricas protagonizadas por trabalhadoras e trabalhadores, em meados do início do século XIX. As pessoas passaram a se organizar através do cooperativismo e da associação, usando de tais meios para fazer frente ao capitalismo industrial. Já no Brasil, essa nova forma de compreender a economia, tem seu fortalecimento no final do século XX, vindo na contramão da exclusão e da exploração das trabalhadoras e trabalhadores inseridos no mundo do trabalho (TAUILE; RODRIGUES, 2004).

Quando a economia solidária se associa ao turismo aparece sob o eixo comunitário, ou seja, atividade que coloca nas mãos da própria comunidade local a tarefa de gestar e gerir o turismo (SAMPAIO, 2008). A produção de arranjos locais - APLs vincula o trabalho a uma lógica cooperativista, ultrapassando o modelo industrial incentivado na sociedade capitalista. Essa prática auxilia a inclusão social, contribuindo para garantir a preservação e valorização dos patrimônios, representando assim, uma estratégia de desenvolvimento social, cultural e econômico para os municípios.

Em Jaguarão, município situado no extremo sul do estado do Rio Grande do Sul, Brasil, fronteira com Rio Branco/Uruguay – contexto onde a pesquisa se insere – a atividade turística principal é referente ao segmento de turismo de compras, realizado essencialmente nos *free shops* uruguaios. Quando a turista vem, geralmente utiliza a infraestrutura de hospedagem e alimentação em Jaguarão, e mesmo assim, se há desejo por levar lembrancinhas da viagem, encontrará poucos estabelecimentos para a compra de *souvenirs* locais, um deles é na Casa do Artesão, inserido numa das salas do Mercado Público Municipal, próximo ao Rio Jaguarão e o outro, é a Casa da Economia Solidária, alocada numa pequena peça, à rua Andrade Neves, número 763, bairro centro. Em ambos os casos serão, em

sua maioria, mulheres a realizar a recepção, o atendimento e a confecção do artesanato oferecido à venda para as/os turistas.

Diante dessa temática tão pujante na contemporaneidade, a pesquisa se justifica por trazer a academia as vozes de artesãs jaguarenses que narram experiências que vão desde a criação de um espaço em que são colocados em prática os valores da economia solidária, até a consolidação delas enquanto trabalhadoras que aglutinam em suas rotinas diversas outras jornadas de trabalho. Estas, que muitas vezes não recebem o devido reconhecimento, contribuem dia após dia, pelo exercício de seu trabalho – no público e no privado – com o desenvolvimento da cidade, da fronteira, do país e do mundo.

A partir do dito até aqui, elencamos como problema de pesquisa deste estudo, a seguinte questão: de que forma as mulheres jaguarenses se organizam para viabilizar suas conquistas no âmbito do trabalho na Casa da Economia Solidária – ECOSOL e como essa organização se insere na perspectiva do turismo em Jaguarão? Sendo assim, o objetivo principal deste trabalho é identificar como se dá a autonomia dessas artesãs em Jaguarão e quais são suas estratégias de visibilidade e empoderamento. A pesquisa identifica quais são os desafios e as conquistas do grupo de mulheres junto à economia solidária, destacando suas formas de resistência frente a dupla/tripla jornada de trabalho e demonstra a importância do trabalho das mulheres representado nos *souvenirs* comercializados para turistas e para o turismo.

Em relação à metodologia, essa é uma pesquisa caracteriza-se como exploratória, que se insere nas abordagens de caráter qualitativo, sobretudo por buscar compreender "[...] o mundo dos sujeitos, os significados que atribuem às suas experiências cotidianas, sua linguagem, suas produções culturais e suas formas de interações sociais" (ANDRÉ, 2005, p. 47). O procedimento metodológico utilizado foi a História Oral (ALBERTI, 2005), com a coleta de dados realizada por meio de entrevistas e diários de campo. Essa metodologia é voltada para o estudo do presente e se estabelece pela produção e interpretação da voz de testemunhos, sendo amplamente utilizada em pesquisas sobre a vida social das pessoas. Meihy (2002) categoriza a História Oral em três tipos: Histórias de Vida, História Temática e Tradição Oral. Neste projeto, o foco será nas Histórias de Vida, elaboradas pelas participantes, que nos permitiram compreender suas vivências no âmbito do trabalho e em outras esferas de suas vidas.

A vista disso, o método foi viabilizado por entrevistas com roteiro previamente planejado, mas não fechado em si. As questões cuidadosamente planejadas, serviram como meio de alcançar os objetivos propostos. Essa forma de entrevista foi escolhida por seu caráter flexível, algo que permite a abertura para surgimento de outras questões, assim como, permite oferecer momentos mais confortáveis às participantes. O critério de seleção das entrevistadas foi o fator geracional, isto é, a intenção foi ouvir trabalhadoras com diferentes idades. Assim, selecionamos sete artesãs, interessadas e disponíveis em participar da pesquisa.

A apresentação do artigo organiza-se da seguinte forma: primeiramente traremos considerações conceituais e históricas sobre a economia solidária e o trabalho das mulheres. Logo, o texto traz considerações sobre a ECOSOL e o toque feminino no *souvenir* turístico. Para finalizar apresentamos as falas das mulheres e reflexões sobre o turismo em Jaguarão.

2. A Casa da Economia Solidária de Jaguarão e a Potência do Trabalho Feminino

O conceito de Economia Solidária emerge na Europa no século XIX, em resposta aos problemas gerados pelo sistema capitalista vigente. Segundo o economista Paul Singer (2002), as características fundamentais desse sistema incluem uma relação de trabalho centrada no lucro e na competitividade, promovendo um viés individualista que beneficia primordialmente os patrões. Nesse contexto, o trabalhador é tratado como mera mão de obra barata e facilmente substituível. A exclusão, as desigualdades de raça e gênero, as diferentes condições educacionais e a falta de empregos que atendam à demanda acentuaram a necessidade de transformar as experiências econômicas de trabalhadores e trabalhadoras.

Para promover uma economia justa e igualitária que propicie alternativas para a geração de trabalho e renda, surge a Economia Solidária. Silva (2020) define empreendimentos de Economia Solidária (ECOSOL) como aqueles que geram trabalho e renda, tanto de maneira direta, como as cooperativas de produção e comercialização, quanto indireta, como cooperativas de consumo e crédito. Baseando-se na solidariedade, esses empreendimentos visam beneficiar a sociedade como um todo, fundamentando-se em princípios de igualdade e trabalho consciente, onde todos os envolvidos participam da administração e dos frutos do trabalho coletivo.

A Economia Solidária se caracteriza por uma autogestão que permite a cooperação entre as pessoas, possibilitando que usufruam dos bens e benefícios coletivamente. Essa

abordagem elimina o caráter exploratório típico do sistema capitalista (LEAL; RODRIGUES, 2018). Apesar dos desafios enfrentados, a autogestão é a lógica mais adequada para fomentar uma economia solidária, democrática e humanizada dentro da sociedade.

Em Jaguarão, a Casa da Economia Solidária foi oficialmente inaugurada em 2017 e conta com cerca de quatorze integrantes, predominantemente artesãs, que demonstram notável capacidade de organização e habilidades artesanais em diversas práticas, como pinturas, crochê, trabalhos em lã, fabricação de sabonetes, entre outras. A Casa ECOSOL é composta, até o momento, por quatorze integrantes, sendo treze mulheres e um homem, que vêm de distintas realidades. Entre elas estão aquelas que encontram na economia solidária sua única fonte de renda, pessoas que desempenham funções em trabalhos formais, empreendedores informais, jovens e idosos. A maioria é brasileira, mas há também uma integrante uruguaia. Algumas participantes estão envolvidas desde o início da Casa, enquanto outras se juntaram recentemente. Em suma, são mulheres que, ao se dedicarem ao artesanato, descobriram uma nova forma de viver a economia.

A presença dessas mulheres no centro histórico de Jaguarão, classificado como patrimônio pelo IPHAN, simboliza a resistência e a valorização do trabalho artesanal feminino. O centro histórico, com sua rica herança cultural e arquitetônica, se torna um espaço ideal para a promoção de práticas que resgatam a identidade local e promovem a diversidade cultural. Além disso, contribui para a qualificação do turismo local, por meio da venda de *souvenirs* confeccionados com produtos da terra e produzidos pela mão de obra feminina e local. Esses produtos artesanais, não apenas refletem a cultura e a tradição de Jaguarão, mas também garantem a renda das artesãs. Os turistas, atraídos pela autenticidade e originalidade desses produtos, podem levar consigo uma parte da história e da cultura local, fortalecendo a conexão entre visitante e a comunidade. Dessa forma, o turismo auxilia na manutenção da Casa da Economia Solidária e na subsistência das mulheres e suas famílias.

3. Economia Solidária, mulheres e turismo: *Souvenir* turístico e o toque das mulheres

Dentre outras tantas formas de conceituar o Turismo, uma delas é pensar nele como o conjunto de atividades que abarcam o deslocamento de pessoas de um lugar para outro, seja ele doméstico ou internacional. Esta atividade desempenha um papel importante na preservação da riqueza e diversidade mundiais, pois mobiliza a sociedade para cuidar e

valorizar seus próprios bens, utilizando-os como forma de agregar e compartilhar à outras pessoas. Tem se registrado, nos últimos anos, o crescimento do número de viajantes por todos os lugares do mundo e com isso, há também benefícios econômicos e sociais gerados pela movimentação das e dos turistas. As empresas, órgãos públicos e até mesmo a sociedade civil têm se organizado para oferecer subsídios cada vez melhores para atrair viajantes (OLIVEIRA, 2007).

É dessa forma que o Turismo se consolida como atividade geradora de emprego, renda e desenvolvimento econômico, principalmente, em países que arriscaram nesse ramo e realizaram investimentos de todas as ordens – capacitações profissionais, revitalizações tanto de áreas públicas quanto privadas, além da oferta de novos serviços e produtos turísticos direcionados a todas as faixas etárias e para todos os gostos da população.

A atividade turística vem superando setores como o da indústria, por exemplo, e este fato se deve, principalmente, pelo efeito multiplicador do turismo, além de possuir entre suas características, fundamentais, a necessidade de agregar diversas áreas para o seu desenvolvimento. Assim, o turismo depende e compõem-se de vários elementos como equipamentos, serviços, infraestrutura, atrativos ao qual se relaciona. Portanto, diversas áreas estão intrinsecamente associadas ao turismo, como é o caso da rede hoteleira, do setor de alimentação como bares, restaurantes e similares, lojas e comércio em geral, agências de viagens e transportes, entretenimento e atrativos dos mais variados, entre outros. (OLIVEIRA, 2007).

Países que buscam de alguma forma se desenvolver economicamente, estão apostando no Turismo como alternativa de investimento, pois a atividade pode ser capaz de contribuir para a melhoria da qualidade de vida da comunidade autóctone, principalmente, por meio da geração de emprego e renda que tem seu reflexo no bem-estar da sociedade, e assim contribuindo para desenvolvimento socioeconômico de cidades e regiões (FILHO, 2002). Em relação a isso, Medeiros *et al*, aborda que

> [...] é permitido asseverar que o turismo, enquanto atividade econômica, pode se utilizar dessas práticas econômico - solidárias como forma de inserir a comunidade local nos benefícios advindos do turismo, por meio da inserção dos produtos como artigos de cama mesa e banho produzidos por grupos (cooperativas e/ou associações), em feiras ou eventos ligados ao turismo; e/ou de serviços prestados, ao trade turístico, como: serviços de jardinagem e paisagismo oferecidos por cooperativas de floricultores. (MEDEIROS et. al, p. 45, 2017).

Assim, cria-se um meio de fortalecer a economia das pessoas antes marginalizadas pelo sistema capitalista, assim como, favorece a autoestima e a busca por maior formação para melhor disporem a atividade turística. Nesse segmento de turismo, é muito comum encontrarmos grupos que aderiram à Economia Solidária, criando assim, possibilidades de atuação coletiva para concretização de atividades como produção, serviços, consumo consciente, entre outros.

Minasi *et al* (2022, p.02), abordam que a temática mulheres e turismo passou a ser estudada em 1990, e com isso, trabalhos começaram a evidenciar as desvantagens delas em serviços, em participação em ensino, pesquisa e em eventos científicos. Além disso, as autoras alertam para a escassez de estudos quantitativos que versem sobre a condição profissional das mulheres no Turismo. De modo a colaborar com estudos que usassem a metodologia quantitativa, pois podem servirem como instrumentos para viabilizar políticas públicas de combate à desigualdade de gênero, Minasi *et al* realizaram um estudo para caracterizar a participação profissional da mulher no turismo no Brasil.

Conforme as autoras, o estudo foi organizado a partir de duas perspectivas: 1) trata da "proporção de mulheres em diferentes posições e momentos da vida profissional, [...] e as posições de poder no turismo" e 2) "trata do salário das trabalhadoras mulheres em comparação com os salários dos trabalhadores homens" (Minasi *et al*, 2022, p.03). Foi constatado que elas "são maioria nas carreiras e atividades tradicionalmente associadas aos papéis atribuídos à mulher no ambiente doméstico e na sociedade, como nos serviços de alimentação e hospedagem", mas que "também são maioria nas agências e operadoras de turismo". (idem, p. 14), algo que de acordo com as autoras não estava consolidado na literatura. O estudo também demonstrou que elas são minorias em atividades consideradas trabalho de homens, como o setor de transporte e reafirmou que:

> Embora no Brasil as mulheres representem a parcela mais significativa no ensino superior de turismo e estejam em maior proporção nos empregos do setor, elas continuam sub-representadas em cargos de liderança e poder, têm menor participação em faixas salariais mais elevadas e são minoria entre os empreendedores. Em particular, a pequena proporção de mulheres nos cargos mais altos e bem remunerados das empresas privadas, assim como no governo, confirma a existência do "teto de vidro" no turismo no Brasil. É possível afirmar que a predominância do sexo feminino no turismo brasileiro, bem como seus maiores níveis de escolaridade, ainda não resulta em melhores cargos profissionais e melhores rendimentos para as mulheres. Esses resultados atualizam e corroboram as principais conclusões de Guimarães e Silva (2016) demonstram que a qualificação

> não é condição suficiente para ascensão profissional feminina (Minasi *et al*, 2022, p.15).

Os resultados, em linhas gerais, permitem um vislumbre da realidade de maneira abrangente e atualizada. Na contramão do protagonismo feminino, identificado através da representatividade no ensino superior e nos empregos no setor turístico, vemos, por outro lado, que há muitos desafios no que tange a promoção da igualdade e emancipação econômica: equiparação salarial; a necessidade de implementação de políticas que sincronizem as mulheres à participação política e cidadã para tomada de decisões; a oportunidade para crescimento e desenvolvimento pleno das suas atividades no âmbito do trabalho no turismo, entre outros.

Em Jaguarão, o trabalho realizado pela equipe da Casa Ecosol é voltado para a autogestão, a co-responsabilidade e a solidariedade. Essa iniciativa coletiva foca no desenvolvimento local e atua como uma ferramenta de apoio para atender às demandas do setor turístico. O Turismo se configura como instrumento para fortalecer o trabalho desempenhado pelas associadas e, ao fortalecê-las, fortifica a comunidade como um todo. O *Souvenir*, muito mais do que apenas uma lembrancinha que as/os turistas compram, tem sua materialidade ligada à identidade de um local e a memória que se deseja compartilhar sendo, portanto, uma forma de promover o patrimônio do local visitado; que ainda, viabiliza fonte de renda para a comunidade receptora. A importância é tamanha que Brasil afora, há projetos, tais como o *Souvenir* Parque Vila Velha em parceria com SEBRAE/PR, que trabalham com ênfase em estimular a criação e venda de *souvenir*s, visando apoiar pequenos e microempreendedoras/es do local para adequar seus serviços ao mercado turístico.

Os produtos confeccionados de forma artesanal, trazem características ligadas aos aspectos patrimônio-culturais da cidade, como é o caso do crochê em Jacquard, técnica artesanal de exclusividade jaguarense, feita por mulheres a partir do aprendizado por transmissão de saberes campesinos. Ávila e Farinha (2019) apresentam a relação da comercialização de *souvenir*s em lã natural e da manutenção de uma identidade rural em Jaguarão/RS, cidade que se destaca por sua produção lanífera. Nesse estudo, as autoras apresentam que o investimento na comercialização do crochê em Jacquard como *souvenirs* para turistas pode ser uma alternativa sustentável e de ajuda frente às dificuldades nas vendas causada pela carestia das peças. Dessa forma,

inicialmente, deve-se propor formas de incluir esses moradores no círculo econômico do turismo, e assim permitir que sua distribuição chegue também à essas regiões do município, sem danificar sua identidade.

> Por conta da zona franca estabelecida na fronteira com a cidade de Rio Branco - Uruguai, o município de Jaguarão recebe, em maior número, um fluxo turístico destinado ao segmento de compras. Assim, percebe-se nesses turistas, clientes em potencial para a comercialização das peças em lã natural, e até mesmo sua confecção como *souvenir.* (ÁVILA; FARINHA, 2019, p. 17).

Conforme citado acima, a referida fronteira recebe um considerável número de visitantes interessados em realizar compras nos free shopping encontrados do lado uruguaio, e um desafio importante é entender por que esses turistas tendem a passar tão pouco tempo no lado brasileiro. Como podemos incentivá-los a explorar o que Jaguarão tem a oferecer? Um estudo de FILHO (2018), realizado com 111 turistas (73% mulheres, 26,01% homens e 0,9% que preferiram não informar), revela insights relevantes sobre o perfil dos visitantes da fronteira. Os resultados mostram que 81,1% dos entrevistados costumam comprar souvenirs durante suas viagens; 88,3% consideram o souvenir importante como lembrança da viagem; e 91% afirmam que adquirir um souvenir com o nome da cidade visitada é significativo (FILHO, p. 22-25, 2018). Embora a amostra seja limitada, esses dados indicam um forte interesse dos turistas por produtos que encapsulam a cultura local, sugerindo que há um espaço promissor para o crescimento do comércio de artesanato em Jaguarão. Portanto, acreditamos que há um interesse genuíno em conhecer as particularidades locais, especialmente produtos que carregam a cultura da região.

Com base nessa pesquisa, é possível ver que Jaguarão tem potencial para apresentar com qualidade recursos e atrações — evidentemente, sem descaracterizar a identidade local — suficientes para despertar sentimentos ao turista, consolidando seu possível retorno, a criação de vínculo e consequentemente, o compartilhamento com outras pessoas das experiências vividas no local. Nesta mesma lógica, podemos dizer que esses recursos são úteis na promoção de produtos e serviços, de forma a estabelecer vivências marcantes nas/nos turistas (COELHO, 2015). A atratividade de determinado destino turístico tem relação direta com a forma pelas quais serão oferecidas/vendidas e de modo a diminuir os impactos negativos, isso deve ser realizado através do respeito à cultura local e a seus símbolos/imagens, assim como a sua comunidade.

4. Resultados da Pesquisa: as trabalhadoras da Casa da Economia Solidária de Jaguarão

Neste espaço, apresentamos parte da pesquisa em andamento, que reúne narrativas das experiências de sete mulheres participantes da Casa da Economia Solidária (ECOSOL) de Jaguarão. Essas narrativas, que abrangem aspectos pessoais, sociais e profissionais, constituem as fontes que sustentam nossa investigação. A ênfase metodológica está centrada nas histórias coletadas por meio de entrevistas, nas quais sete participantes foram incentivadas a compartilhar suas vivências em relação ao trabalho artesanal e ao impacto em suas vidas.

As entrevistas foram realizadas com o consentimento das interlocutoras, gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas. Durante os encontros, utilizamos um questionário previamente elaborado, que foi adaptado para cada conversa, permitindo um diálogo mais fluido e significativo. A maioria das entrevistas (com Roseli, Cenilza, Yasmin, Rosangela e Joceli) ocorreu na própria casa da ECOSOL, onde a recepção foi muito calorosa, o que propiciou um ambiente acolhedor para as conversas. Além disso, duas entrevistas foram realizadas via áudio no WhatsApp (com Taiane e Marilza), o que também se mostrou uma ferramenta eficaz para captar suas experiências.

A seguir, faremos uma breve apresentação das artesãs e analisaremos as entrevistas, articulando a discussão em torno de dois eixos principais: a apresentação das integrantes da ECOSOL e sua contribuição para o turismo local. Esse enfoque é fundamental, pois destaca a relevância do trabalho dessas mulheres não apenas como uma fonte de renda, mas também como uma representação cultural do município, especialmente por meio da produção de souvenirs.

A construção das narrativas biográficas foi realizada a partir das informações fornecidas pelas participantes, integrando detalhes pessoais e profissionais para criar uma representação coesa e significativa de cada uma delas. Começamos pela contextualização de suas origens e experiências iniciais, utilizando citações e descrições diretas para destacar os aspectos cruciais de suas trajetórias. Para enriquecer cada narrativa, incluímos informações sobre suas realizações e conquistas, como o envolvimento em projetos comunitários, atividades políticas e novas iniciativas profissionais. O objetivo foi capturar a essência de cada mulher, empregando suas próprias palavras para refletir suas experiências e paixões. Além disso, buscamos demonstrar como suas histórias se entrelaçam com suas contribuições à comunidade, ao artesanato e ao turismo local.

4.1 Algumas mulheres da ECOSOL e suas trajetórias

4.1.1 Cenilza Dreckman

Natural de Jaguarão, Cenilza cresceu no campo, onde aprendeu o valor da dedicação e do trabalho árduo desde cedo. Quando se casou, mudou-se para a cidade, um novo começo que inicialmente não envolvia atividades profissionais. No entanto, com o tempo, ela começou a trabalhar em um escritório, dando início a uma nova fase em sua vida. A mudança para o Chuí trouxe novas responsabilidades e desafios, incluindo a chegada de seu filho. Foi nesse período que Cenilza começou a se envolver com o artesanato, desenvolvendo um interesse que cresceria ao longo dos anos. Sua jornada no Chuí foi marcada por pequenos projetos e o desejo de criar algo significativo. Quando retornou a Jaguarão, sua conexão com sua terra natal foi restaurada, e ela encontrou um novo caminho ao se unir à Associação dos Artesãos. Foi lá que Cenilza mergulhou no mundo do artesanato com intensidade, começando com fio industrial e, ao longo do tempo, fazendo a transição para a lã. Este material tornou-se uma parte essencial de sua prática artística.

"Os companheiros, os pensamentos e as coisas que são iguais aos meus, as pessoas combinam comigo. Então, é o mesmo pensamento, os mesmos ideais, então foi isso que mais me motivou a ficar aqui," reflete Cenilza sobre o que a mantém participando da Casa da Economia Solidária. A comunidade e os valores compartilhados com seus conterrâneos foram determinantes para sua decisão de participar e ajudar a criar a ECOSOL. Hoje, Cenilza continua a tecer sua história através da lã, com uma profunda conexão com sua arte e com a comunidade que a rodeia. Seu percurso é um testemunho da resiliência e da paixão por sua terra natal e pelo trabalho manual.

4.1.2 Joceli Nunes Tardis

Nascida em Jaguarão, Joceli Nunes Tardis cresceu no Cerro do Matadouro, onde sua infância foi marcada pelo contato com o mundo do artesanato, em grande parte influenciada por sua mãe, Nina Tardis. Enquanto seu pai, Jorge Daci Ferreira, trabalhava na campanha, sua mãe se dedicava ao lar, criando um ambiente onde o aprendizado e a criatividade floresciam.

Desde cedo, Joceli se encantou com o trabalho manual de sua mãe, que fazia crochê e tricô. "Eu comecei olhando minha mãe. Ela fazia crochê e o tricô. E eu olhava. Eu pedia para ela me ensinar, ela diz que não, que eu olhasse e fosse fazer." Motivada pela curiosidade e pela vontade de aprender, Joceli começou com pequenos projetos, utilizando palitos para criar

suas próprias peças. Juntamente com sua amiga Amanda, explorava técnicas como o tricô e o crochê, e logo passou a buscar novos conhecimentos sobre diferentes formas de artesanato, assistindo a vídeos e experimentando novas técnicas.

Com o tempo, Joceli diversificou suas habilidades, incorporando técnicas como ponto cruz e pintura em lixa de ferro. "Eu faço pintura na lixa de ferro, aquela lixa que usa para fazer [00:01:35] eu também pinto ali." A busca pela perfeição é uma marca registrada de seu trabalho; ela se dedica intensamente para que suas criações sejam cada vez melhores. "Eu gosto da perfeição, estou sempre procurando ela, pode ser que um dia encontro, eu acho."

Atualmente, Joceli vive exclusivamente do artesanato, uma escolha que reflete seu compromisso e paixão por sua arte. Sua jornada é uma prova do poder da dedicação e da busca incessante pela excelência, mostrando que, para ela, o artesanato é mais do que um meio de subsistência—é uma forma de vida.

4.1.3 Marilza Madeira

Nascida em Jaguarão no dia 20 de março de 1972, Marilza Madeira cresceu em um lar dedicado, filha de Eleci Garcia Madeira e Verley Francisco Madeira. Desde muito jovem, Marilza demonstrou um talento e uma paixão pelo artesanato. Com apenas 12 anos, começou a fazer crochê, uma atividade que rapidamente se tornou uma parte importante de sua vida. “Sempre vendi minhas peças, mas não sabia colocar preço e vendia baratinho,” lembra Marilza, refletindo sobre os desafios iniciais que enfrentou. Sua jornada no artesanato evoluiu quando ela se mudou para Pelotas. Lá, aproveitou a oportunidade de participar de cursos de pintura e bordado de fita, ampliando suas habilidades e áreas de atuação. Esses cursos foram fundamentais para que ela aprendesse a valorizar seu trabalho, que agora é feito “com muito amor e dedicação.”

Além de sua paixão pelo artesanato, Marilza seguiu uma carreira acadêmica e profissional. Ela se formou em Licenciatura em Letras Português/Espanhol pela Unipampa e atualmente divide seu tempo entre dois papéis: como funcionária pública no Instituto Estadual de Educação Espírito Santo e como artesã. Marilza é mãe de dois filhos, Anderson Madeira Gonçalves, de 33 anos, e Carina Madeira de Oliveira, de 26 anos, com quem compartilha seu amor pela arte e pelo trabalho. Hoje, Marilza complementa sua renda com seus artesanatos, uma prática que lhe traz satisfação e um senso de realização. Sua trajetória é um testemunho

da dedicação e do compromisso com seu ofício, equilibrando a vida profissional com a paixão pelo trabalho manual.

4.1.4 Rosangela Garcia

Nascida em 12 de julho de 1967, Rosangela tem 55 anos e vive no bairro Bela Vista. Desde jovem, ela se dedicou ao trabalho na cozinha, uma paixão que a acompanha ao longo de toda a sua vida. “A vida inteira eu sou cozinheira, é o que eu faço. Acho que desde que me entendo por gente eu sempre trabalhei na cozinha,” afirma Rosangela, refletindo sobre sua trajetória profissional. Seu interesse por novas experiências a levou a se inscrever em um curso de chocolates e trufas no Clube 24. “Tinha curiosidade de saber como era, como fazia,” explica ela. Durante o curso, Rosangela conheceu Roseli e Silvana, que a apresentaram à Casa da Economia Solidária. Elas a convidaram a se juntar à Casa, e, mesmo inicialmente focada na culinária, Rosangela se aventurou no mundo do artesanato. “Eu disse para elas que o que eu sabia fazer mais era culinária. Daí fui me atrevendo a fazer umas coisinhas de artesanato.”

Rosangela está na Casa há três anos e, ao longo desse tempo, tem se dedicado a diversas técnicas de artesanato. Atualmente, ela se destaca em trabalhos com fuxico e macramê, e também faz chinelos. “Faço chinelos, vou te mostrar uns dos meus chinelos. Aqui está o tercinho todo em macramê,” diz ela, mostrando seu orgulho e dedicação ao seu trabalho.

4.1.5 Roseli Calvetti

Natural de Jaguarão, Roseli Calvetti teve uma carreira como professora, lecionando Português e Literatura no Instituto Estadual de Educação Espírito Santo, onde também exerceu a função de diretora. Sua trajetória educacional começou no campo, onde estudou em uma escola rural localizada na 4ª zona do Telho até a 4ª série. “Eu sou professora, hoje eu tô aposentada, professora e educadora,” afirma Roseli, refletindo sobre seu compromisso com a educação ao longo dos anos. Após sua aposentadoria, Roseli sentiu a necessidade de encontrar uma nova forma de se engajar e contribuir para a coletividade. Ela sempre foi ativa em atividades comunitárias, influenciada pelo trabalho voluntário de seus pais. “Eu sempre participei muito de coisas que envolvessem a coletividade, foi uma vida inteira,” diz ela, destacando o envolvimento de seus pais em projetos comunitários e religiosos.

A busca de Roseli por um novo propósito a levou à Casa da Economia Solidária. “Eu tinha que achar alguma coisa que eu pudesse conviver em grupo, fazer alguma coisa em grupo,” explica. Ela encontrou no artesanato uma maneira encantadora de continuar seu trabalho com a comunidade. “O artesanato é uma coisa encantadora, uma coisa puxa a outra e a outra,” afirma Roseli, revelando sua paixão por sua nova atividade.

Seu envolvimento com a política também foi marcante. Entre 2012 e 2015, Roseli foi eleita vereadora de Jaguarão, onde criou a lei do Programa de Fomento à Economia Solidária (Lei 5.999 de 21 de agosto de 2014). Esta lei visa incentivar “a difusão, a sustentabilidade e a expansão econômica [...] empreendimentos de autogestão que compõem o setor desta economia popular e solidária” e propõe a “construção do Sistema Municipal de Economia Solidária.” Atualmente, Roseli se dedica ao artesanato na Casa da Economia Solidária, onde valoriza especialmente o trabalho com mulheres. “O que me encanta o trabalho aqui porque a maioria é mulheres,” diz ela, destacando o empoderamento feminino através da cultura e da renda extra proporcionada pelo artesanato.

4.1.6 Taiane Alanis Born

Taiane Alanis Born, de 43 anos, é uma agricultora que reside na zona rural de Jaguarão. Filha de Iraci Alanis Born, doméstica, e de Elizardo Martins Born, pedreiro, Taiane é graduada em Ciências Sociais e possui pós-graduação. Mãe de dois meninos, Luan Born Lenz, de 15 anos, e Luciano Born Lenz, de 12 anos, ela tem se dedicado a um caminho profissional que une suas paixões e valores pessoais. A trajetória de Taiane na economia solidária começou com sua imersão na agricultura familiar e culinária artesanal. “O meu produto são os licores,” explica ela, detalhando sua atuação nos dois eixos da economia solidária. Depois de um período de ausência do mercado de trabalho por questões pessoais, Taiane decidiu retornar de uma forma não convencional, buscando uma alternativa que a libertasse das regras comerciais tradicionais. “Eu queria fazer algo que fosse diferente que não me prendesse nas regras comerciais,” afirma.

Sua paixão por feiras e seu encantamento com projetos de mercado local sempre foram evidentes. “Eu lembro que durante o tempo que eu estava em casa, eu participava, passei pela Feira, me encantava com aquele projeto,” revela Taiane. Quando surgiu a oportunidade, ela decidiu construir um projeto que refletisse não apenas sua paixão, mas também seu compromisso com a educação ambiental e o resgate de técnicas antigas. Os licores de Taiane

são produzidos com receitas familiares que foram aprimoradas ao longo dos anos, utilizando frutas nativas do Sul. "A ideia seria começar a debater, trazer a ideia da chácara [...] e a gente queria falar sobre a educação ambiental, o cuidado com a natureza," explica. A produção de licores não apenas resgata tradições familiares, mas também destaca a importância do uso sustentável dos recursos naturais disponíveis.

4.1.7 Yasmin Fagundes Centeno

Nasceu no dia 11 de novembro de 1991, filha de um professor e de uma artesã. O vínculo com o artesanato vem de suas raízes familiares, com sua avó, Maria Odete, desempenhando um papel fundamental na promoção dessa arte. "Vem da minha avó. Porque minha avó deu muita aula, muito curso aqui na cidade com lã," conta Yasmin. Sua mãe aprendeu com a avó e, embora Yasmin tenha aprendido um pouco sobre técnicas como lavagem e cardagem, o artesanato não seguiu com ela de imediato.

A introdução de Yasmin ao artesanato ocorreu em um momento de necessidade pessoal. Em 2016/17, a ansiedade provocada pela faculdade levou-a a buscar uma forma de terapia: "O Artesanato entrou na minha vida porque eu comecei a sentir muita ansiedade. A faculdade me trouxe muita ansiedade," explica Yasmin. Ela começou a costurar e trabalhar com feltro, inicialmente fazendo pequenos chaveiros. O sucesso das suas criações foi inesperado, e "quando eu vi já tinha uma caixa de chaveiros prontos."

O ponto de virada veio quando sua tia sugeriu vender os chaveiros na Praça. Foi então que Carminha, uma conhecida, a apresentou à Casa da Economia Solidária. "Aí ela disse: Ah, a gente tem uma Casa com mensalidade... se tu quiser conhecer e dar uma olhada," relata Yasmin. Em início de 2019, Yasmin se associou à Casa, começando a desenvolver suas habilidades e a vender seus produtos.

O artesanato, que começou como uma terapia, evoluiu para uma profissão para Yasmin, ajudando-a a concluir sua graduação em Licenciatura em História pela Unipampa. Atualmente, ela está no Programa de Pós-graduação em Educação, também na Unipampa, conciliando sua paixão pelo artesanato com seus estudos acadêmicos. "Tudo começou como uma terapia ocupacional para mim porque eu sentia muita ansiedade," reflete Yasmin, destacando como a arte moldou sua trajetória pessoal e profissional.

Foi possível, no contexto desse artigo, apresentar, brevemente, a vida dessas sete mulheres. Há diversas outras trajetórias femininas na ECOSOL, as quais ainda estão sendo

investigadas. Através da leitura dessas histórias de vida, pode-se enfatizar a importância dos saberes tradicionais, transmitidos de forma geracional, o protagonismo das famílias, mães, tias, avós, nesse contexto. Além disso, a valorização dos produtos e saberes locais – frutas, legumes, doces, dentre outros, que são trazidos para a ECOSOL como forma de valorizar "saberes e sabores" de Jaguarão e região.

4.2 A ECOSOL e o Turismo: impressões e contribuições

O Turismo é um fenômeno social que ocorre a partir de uma gama de fatores, que inclui a econômicos, sociais, políticos, entre outros. A mobilização da ECOSOL gera impactos, tanto no cotidiano de autóctones, quanto na própria dinâmica de turistas, que buscam conhecer a história da cidade e geralmente, fazem isso através do contato com o comércio, quando vão comprar os *souvenir*s. Na Figura 01 vemos alguns artesanatos, ou *souvenir*s turísticos com fotografias de pontos turísticos de patrimônios da cidade, tais como: Mercado Público, Praça Comendador Azevedo, a Ponte Barão de Mauá, dentre outros.

Figura 01 - Artesanatos com a temática da cidade
Fonte: das autoras.

Dessa forma, é fundamental que exista o comprometimento institucional e social, para buscar assegurar a valorização e apoio aos espaços que trabalham em contato direto com turistas, que os acolhem e prestam atendimento, informações e produtos de qualidade tal como relata Cenilza:

> Turismo é importante. Porque às vezes vêm as excursões. A gente podia ter mais propaganda lá na Ponte para nos conhecer. Algum guia turístico trazer as pessoas aqui. Porque às vezes não é a compra, eles veem podem só olhar. Mas aí vai no boca a boca, já vai se conhecendo. Porque o principal é o conhecimento, o pessoal nos conhece aqui já vão passando para outros interessados (Cenilza Dreckman. Entrevista realizada em 20 jul 2022).

Cenilza menciona a importância de mais propaganda em locais estratégicos, como a Ponte, que pode atuar como um ponto de passagem para os visitantes. Isso revela uma compreensão de que a sustentabilidade do turismo depende de uma rede de apoio mais ampla. A ideia de que guias turísticos poderiam trazer pessoas para conhecer a Casa da Economia Solidária demonstra uma visão proativa em relação à colaboração com profissionais do turismo, ressaltando a importância de conectar turistas a experiências locais. Ela também ressalta que "o principal é o conhecimento", refletindo uma compreensão de que o turismo vai além da simples compra de produtos, envolvendo uma rica troca de experiências. Cenilza valoriza a autenticidade e a narrativa por trás dos produtos artesanais como elementos atrativos para os visitantes. Além disso, a menção ao "boca a boca" destaca a relevância das recomendações pessoais na promoção do destino. Cenilza reconhece que as experiências dos visitantes são um meio poderoso de divulgação e que o fortalecimento de vínculos pessoais pode aumentar o interesse e a visitação. Ao sugerir que turistas que visitam o espaço podem apenas olhar, ela propõe uma abordagem aberta ao turismo, permitindo que as pessoas se familiarizem com a cultura local, o que pode levar a um aumento no número de defensores do espaço, que compartilharão suas experiências com outros.

A entrevistada Taiane Alanis fala sobre o potencial da ECOSOL como sendo mais um atrativo, um lugar de consumo de *souvenir*s em Jaguarão, onde turistas e visitantes podem encontrar produtos de qualidade, que expressam a identidade local:

> A Ecosol para Jaguarão ela deveria ser uma marca de visibilidade da cidade, de divulgação da cidade. Acredito que ali a gente poderia ter mais produtos, a gente tem muito artesão na cidade que pudesse representar mais. A gente tem várias artes não estão ali, a gente tem várias outras técnicas que poderiam estar. Então, é um espaço de fortalecimento, um espaço onde a gente faz um debate diferente que poderia estar causando mais efeito para as pessoas, porque muitas vezes não conseguem se estabelecer num horário comercial por motivos quaisquer, seja de horário ou de preferência, como é meu caso. Então, a economia solidária poderia ser mais um alicerce de crescimento econômico do Município e de divulgação. Acredito que a gente conseguisse dar mais visibilidade do produto de Jaguarão é mais um atrativo (Taiane Alanis. Entrevista realizada em 20 jul 2022)).

Taiane sugere que a Ecosol poderia se tornar um ponto de encontro para discussões sobre o fortalecimento da economia local. Essa abordagem não apenas ajudaria a valorizar o trabalho artesanal, mas também poderia criar um ambiente mais inclusivo, onde as necessidades e preferências de diferentes grupos da comunidade são levadas em consideração. A entrevistada menciona as dificuldades que muitos enfrentam ao se estabelecer em horários comerciais tradicionais, o que ressalta a necessidade de adaptar o funcionamento da Ecosol para atender a um público mais amplo, tanto de artesãs, quanto da clientela. Essa perspectiva destaca o potencial da economia solidária como um alicerce para o crescimento econômico em Jaguarão, promovendo a inclusão de pessoas que, por diversos motivos, não podem participar do mercado de trabalho convencional.

Ao argumentar que a visibilidade dos produtos de Jaguarão poderia se transformar em um atrativo, Taiane aponta para a interconexão entre a valorização do artesanato local e o fortalecimento da identidade cultural da cidade. Essa relação simbiótica não apenas beneficia os artesãos, mas também pode impactar positivamente o turismo e a economia local, criando uma rede de suporte que potencializa o desenvolvimento sustentável da comunidade.

As entrevistadas reiteram a importância da rede de apoio para fomento do turismo e dos atrativos que servem para chamar atenção do que é produzido pelas pessoas da cidade. Órgãos públicos, incluindo a UNIPAMPA são destacados como importantes para auxílio no desenvolvimento de espaços solidários.

> Sempre que nos convidam para participar, seja de feiras ou para doação de brindes para sorteios, procuramos sempre apoiar as ações. Também realizamos oficinas de artesanato para a população em geral nas dependências da casa visando proporcionar fonte de renda para quem tiver interesse (Marilza Madeira. Entrevista realizada em 20 jul 2022).

A fala de Marilza evidencia um comprometimento ativo da Casa da Economia Solidária em Jaguarão com a comunidade local, destacando sua disposição para participar de feiras e apoiar eventos por meio da doação de brindes. Essa atitude não apenas fortalece os laços comunitários, mas também amplia a visibilidade do trabalho artesanal e das iniciativas da Ecosol. Além disso, a realização de oficinas de artesanato demonstra uma preocupação em promover a capacitação e o desenvolvimento econômico da população, ao oferecer uma oportunidade de geração de renda para aqueles que manifestam interesse. Dessa forma,

Marilza destaca a importância da colaboração e do apoio mútuo como pilares para o fortalecimento da economia solidária e o crescimento da comunidade.

Sobre o turismo e a ECOSOL, as artesãs Joceli e Yasmin trazem suas reflexões:

> Teria ter alguma coisa que a pessoa que fosse para o Uruguai ficassem aqui. Eles passam, o ônibus passas, eles fazem a compra e voltam. (Joceli Nunes Tardis. Entrevista realizada em 26 jul.2022).
>
> O turismo é bem bom não só para cidade, não só para a Ecosol, mas nosso reconhecimento porque Jaguarão é bem rico não em turismo porque a gente precisa de muita melhoria. [...] Então, nem todo mundo sabe que tem a Casa Ecosol. E como não tem muita divulgação assim, a não ser as redes sociais.(Yasmin Fagundes Centeno. Entrevista realizada em 28 jul.2022)

.

As entrevistas de Joceli e Yasmin revelam uma preocupação compartilhada sobre a falta de estratégias para atrair turistas a Jaguarão e a necessidade de aumentar a visibilidade da ECOSOL como um local que poderia enriquecer a experiência dos visitantes. Yasmin enfatiza que a cidade possui um potencial turístico significativo, mas carece de melhorias e uma divulgação mais eficaz, enquanto Joceli aponta diretamente para a necessidade de criar condições que incentivem os turistas a permanecer na cidade após as compras no Uruguai. Ambas as falas sugerem que, embora a proximidade com a fronteira possa trazer um fluxo de visitantes, é fundamental desenvolver iniciativas que não apenas atraiam esses turistas, mas também incentivem seu envolvimento com as ofertas culturais e artesanais locais.

Ao se pensar em turismo em Jaguarão, frequentemente se destaca o comércio nos free shops uruguaios. No entanto, existem outras formas de turismo que apresentam uma possibilidade de crescimento gradual, como o ecoturismo, turismo de aventura, turismo rural, turismo religioso e o turismo cultural. É essencial que os turistas saibam que em Jaguarão podem explorar e aproveitar tudo que a fronteira tem a oferecer. A fala de Rosangela reforça essa ideia ao afirmar: "tem pessoas que já vem aqui que alguém já esteve aqui" (Entrevista realizada em 20 jul.2022). Essa afirmação destaca a natureza relacional do turismo, onde as recomendações pessoais de visitantes anteriores servem como um forte motivador para novos turistas. Quando alguém menciona "Vai em tal lugar que tu encontras umas lembrancinhas para Jaguarão", evidencia-se que o potencial turístico de Jaguarão não se limita às compras nos free shops, mas também inclui a descoberta de produtos artesanais autênticos que refletem a identidade cultural da região. Essa troca de informações entre os visitantes pode ampliar a

visibilidade de Jaguarão como um destino turístico diversificado, estimulando um fluxo contínuo de turistas em busca de experiências que vão além do comércio convencional.

A fala de Roseli Calvetti revela a conexão entre o empoderamento das mulheres e a valorização da história e cultura de Jaguarão:

> Tu empodera pessoas, mas também tu tá ali trabalhando para as pessoas terem uma renda, [...], para que elas contem a sua história, para que trabalhem em casa e que possam estar cuidando dos seus filhos, [...]. Muitas vezes a gente ta na praça e chegam os turistas, a gente conta a história de Jaguarão, a gente fala da história da mulher, da história do negro, da negra, a gente ta falando da juventude, da nossa cultura, de uma forma que a gente pode também ta trabalhando política e ta trabalhando (Roseli Calvetti. Entrevista realizada em 22 jul.2022).

A expressão "empodera pessoas", na narrativa de Roseli, assim como em trechos de outras participantes, demonstra a ligação do trabalho na ECOSOL à conquista da autonomia para mulheres. ela destaca como a ECOSOL não apenas oferece oportunidades de geração de renda, mas também promove um espaço onde as histórias individuais e coletivas podem ser compartilhadas. Esse processo de empoderamento se manifesta na capacidade das mulheres de contar suas próprias narrativas, ao mesmo tempo em que cuidam de suas famílias, do seu trabalho e permanecem atentas às necessidades da comunidade. O turismo, quando planejado de forma a contemplar a comunidade local, tem essa capacidade: de incluir, valorizar, empoderar os autóctones, nesse caso, as mulheres trabalhadoras da ECOSOL.

5. Considerações Finais

Observa-se com essa pesquisa, que o trabalho das mulheres, a economia solidária e o turismo são elementos que podem ser analisados de forma uníssona. O objetivo foi atingido através da apresentação da trajetória das mulheres da ECOSOL de Jaguarão, mostrando sua autonomia no trabalho, sua capacidade de união, cooperação e organização e a sua contribuição para o turismo. O que se pode perceber, através destas histórias de vida, é a singularidade e multiplicidade de cada mulher e como essas expressões estão intrínsecas nos trabalhos artesanais comercializados. Na ECOSOL a turista não apenas consome um produto autêntico, que revela parte da identidade local, mas pode conhecer quem os produz, apertar as mãos que criam as peças e saber para onde está sendo destinado o recurso despendido.

O artigo traz reflexões sobre experiências e dinâmicas vivenciadas pelas mulheres em um contexto de economia solidária e turismo em Jaguarão e identifica o potencial de criação e

manutenção de uma associação. Durante a pesquisa, houve troca de informações, saberes e solidariedade. Nesse contexto, o turismo se apresenta como um aliado ímpar, uma vez que sua demanda contribui para o aumento do fluxo de vendas e dos lucros das mulheres, valorizando suas peças e proporcionando melhorias em suas vidas por meio de seu trabalho artesanal.

Jaguarão dispõe de potencial turístico consolidado, sobretudo quando da patrimonialização conferida pelo IPHAN (2012), detendo espaços históricos significativos tanto urbanos como rurais, os quais se encontram disponíveis para a organização de propostas que tragam como objetivo a melhoria da qualidade de vida e a geração de emprego. Espera-se que essa e outras investigações contribuam para melhorar a vida das mulheres que constroem em seu cotidiano a economia solidária em Jaguarão e região.

Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ANDRÉ, Marli E. D. A. **Estudo de caso em pesquisa e em avaliação educacional**. Brasília: Líberlivro, 2005.

ÁVILA, Helora Ataydes Dilelio; FARINHA, Alessandra Buriol. **A Comercialização de Produtos em Lã Natural como *Souvenir*:** Manutenção da Identidade Cultural de Jaguarão/RS. RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, *[S. l.]*, v. 5, n. 4, 2019. DOI: 10.23899/relacult.v5i4.1325. Disponível em: https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1325. Acesso em: 27 dez. 2022.

COELHO, Mariana de Freitas. O que atrai o turista? Gestão da competitividade de destinos a partir de atrações e da atratividade turística. **Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, vol 7, nº 4, pág. 489 - 505, 2015.

FILHO, Gilberto Leite. ***Souvenir*:** Uma pesquisa voltada aos visitantes da fronteira de Jaguarão - BR e Uruguai - UY. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Gestão do Turismo) - Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão, 2018. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1BTM079-mOsGQEbnfZq8o3VxJPUkvJOCx/view. Acesso em: 27 dez. 2022.

LEAL, Kamila Soares; RODRIGUES, Marilsa de Sá. **Economia Solidária:** Conceitos e princípios norteadores. Revista Humanidades e Inovação, Brasil, p. 210-221, dez. 2018.

MEDEIROS, Viviane Costa Fonseca de Almeida. Turismo e economia solidária: uma análise nas cooperativas e associações de artesanato do Roteiro Seridó Norte-Rio-Grandense, Brasil. Revista Iberoamericana de Turismo-RITUR, Penedo, Volume 7, Número 2, maio/ago. 2017, p. 40-59. Disponível em: http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur. Acesso em 20 de julho de 2024.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (Re) Introduzindo a História Oral no Brasil. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). (**Re) Introduzindo a História Oral no Brasil.** São Paulo: USP, 1996.

MINASI, Sarah Marroni; MAYER, Verônica Feder; SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira. **Desigualdade de gênero no turismo:** a mulher no ambiente profissional no Brasil. RBTUR, São Paulo, 16, e-2494, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbtur/a/9WVDG4MK3MXhFhMXd7SdvTc/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 26 dez.2022.

OLIVEIRA, Elton Silva. I**mpactos socioambientais e econômicos do turismo e as suas repercussões no desenvolvimento local:** o caso do Município de Itacaré – Bahia. Revista Internacional de Desenvolvimento Loval. Vol. 8, N. 2, p. 193-202, Set. 2007.

RAGO, Margareth. **As mulheres na historiografia brasileira.** In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). Cultura histórica em debate. São Paulo: UNESP, 1995.
SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SILVA, Tânia Maria Gomes da. **Trajetória da Historiografia das Mulheres.** Politéia. História e Sociedade. V.8, n. 1. UESB, 2008. Disponível em https://periodicos2.uesb.br/index.php/politeia/article/view/3871. Acesso em: 24 jul. 2022.

SILVA, Sandro Pereira (org). **Dinâmicas da Economia Solidária no Brasil: Organizações econômicas, representações sociais e políticas públicas.** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2020. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10363. Acesso em: 22 dez. 2022.

SINGER, PAUL. Economia solidária: um modo de produção e distribuição. In: SINGER, Paul; SOUZA, André R. (orgs.). **A Economia Solidária no Brasil**: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, pp.11-28, 2000.

_____SINGER, P. Introdução à Economia Solidária. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2002.

TAUILE, J. R.; RODRIGUES, H. **Economia Solidária e Autogestão:** a criação e recriação de trabalho e renda. IPEA – Mercado de Trabalho, [S.I.], nº 24, p.35-43, 2º sem. 2004.